



“JODHAA AKBAR”, ESCOLHAS DE UMA REPRESENTAÇÃO DO PASSADO*

Emília Teles da Silva**

Universidade Federal Fluminense - UFF

emiliateles@gmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa a cinebiografia indiana, realizada em 2008, de um imperador mogol do século XVI, Akbar. Embora tenha sido um imperador notável sob muitos aspectos, o filme *Jodhaa Akbar* se concentra no seu relacionamento com uma princesa rajput. O trabalho busca mostrar que retratar o envolvimento romântico do imperador muçulmano com sua rainha hindu é uma escolha com conotações políticas. Em nossa análise, apresentamos outras três biografias do imperador buscando semelhanças e diferenças na representação do casamento, da princesa e do imperador.

PALAVRAS CHAVE: *Jodhaa Akbar* – Bollywood – biografia – Akbar

“JODHAA AKBAR”, CHOICES OF A REPRESENTATION OF THE PAST

ABSTRACT: This paper analyzes a 2008 Indian film about the XVI century Mughal emperor Akbar. Although Akbar was a notable emperor in many ways, the movie *Jodhaa Akbar* focuses on his relationship with a Rajput princess. The work aims at showing that to portray the romantic involvement of the Muslim emperor with his Hindu queen is a choice with political overtones. In our analysis, we present three other biographies of the emperor, two of the sixteenth century and one written in 1917, seeking similarities and differences in the representation of the marriage and the princess.

KEYWORDS: *Jodhaa Akbar* – Bollywood – biography – Akbar

Achei necessário reduzir o tamanho do hospital de Don Juan Tavera, não só porque ele cobria o portão de Bisagra, mas também

* Uma versão inicial deste artigo foi apresentada na mesa-redonda “Memória e resistência II” do Seminário de Estudos sobre o Espaço Biográfico realizado em 2013.

** Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Este trabalho é financiado com bolsa de doutorado do CNPq.

porque a sua cúpula era muito alta, passando o horizonte da cidade. E assim, já que eu o fiz menor e mudei sua posição, eu acho melhor mostrar a sua fachada, em vez de seus outros lados. Quanto à sua posição real na cidade, você pode ver no mapa.¹

The Enchantress of Florence é uma obra de ficção . Algumas liberdades foram tomadas com o registro histórico, no interesse da verdade. (Salman Rushdie, *The Enchantress of Florence* .)

[...] eu fiz o filme para entretenimento e há pouca teoria histórica em comparação com os pensamentos criativos. Meu foco principal é mostrar a proximidade entre duas sociedades diferentes de pessoas que se reuniram centenas de anos atrás, por causa de um casamento. [...] . Faço um apelo a todas as pessoas a tomar " Jodhaa Akbar " só como um filme.²

Em dezembro de 2014, uma série de artigos de jornais indianos apontavam os conflitos entre o governo *hindutva*³ do primeiro ministro Narendra Modi e historiadores.⁴ O governo intencionaria, mais uma vez, alterar os livros escolares de história de modo a exaltar o hinduísmo e uma visão de passado hindu glorioso da Índia. “Nossas crianças têm lido uma história que faz com que eles se sintam envergonhados de seu passado. Queremos uma história que faça com que eles se sintam orgulhosos como indianos”, afirma Bal Mukund Pandey, secretário geral do Akhil Bhartiya Itihās Sankalan Yojna (ABISY), uma organização de pesquisa histórica ligada à organização

¹ Apud DOXIÁDIS, Apóstolos K. **Logicomix**. Bloomsbury Publishing, 2009. El Greco, explicando as liberdades que ele tomou no seu quadro “Tempestade sobre Toledo”. Todas as traduções deste artigo são de minha autoria.

² O diretor Ashutosh Gowariker, em entrevista (2008) .

³ Isto é, fundamentalista hindu e de direita.

⁴ Após ganhar as eleições, Modi escolheu como diretor do Conselho Indiano de Pesquisa Histórica o professor Y. Sudershan Rao, que comentou que os épicos hindus são mais apropriados para entender o mundo antigo do que pesquisas. Para Rao, estes épicos escritos há milênios seriam factuais, porque os seres humanos só teriam começado a escrever ficção há alguns séculos. O próprio Modi afirmou que a cabeça de elefante do deus hindu Ganesha é evidência de que a cirurgia plástica já existia na Índia antiga. Fonte: FEARS grow in India about Hindu 'Modi-fication' of education. The Rakyat Post, New Delhi, 21 nov. 2014. Disponível em: <http://www.therakyatpost.com/world/2014/11/21/fears-grow-india-hindu-modi-fication-education/>. Acesso em: 18 dez, 2014.

fundamentalista hindu de extrema direita RSS⁵. Quando o BJP⁶ esteve no poder na Índia entre 1998 e 2004, os livros escolares de história foram alterados para se adequarem à ideologia hindu (e quando o governo mudou, as alterações foram desfeitas)⁷. Dois estados governados pelo BJP, partido do primeiro ministro, já modificaram os livros escolares em 2014.⁸ “As lições dos livros de história de hoje é que os indianos são nada e bons para nada” – afirma Atul Kothari⁹, acrescentando que “a verdade é que historicamente temos sido uma raça bem superior”.¹⁰

Um aspecto desta revisão histórica é a demanda de que o imperador Akbar, que governou uma parte do território que hoje constitui Índia no século XVI, não seja mais mostrado sob uma luz favorável. Akbar era muçulmano, e o fundamentalismo hindu ganhou as notícias em dezembro de 2014 pela conversão forçada de cristãos e muçulmanos ao hinduísmo¹¹. Assim, nesta visão, um imperador muçulmano não deveria ser exaltado. “De agora em diante, toda vez que você falar de Akbar, você precisa mencionar Hemu [um rei hindu de Delhi que Akbar derrotou]”, afirma Pandey.¹²

No momento atual, portanto, a História se torna palco de uma disputa política, que tem aspectos religiosos. Mas essa questão remonta da ascensão gradual do

⁵ SAFFRONIZING textbooks: Where myth and dogma replace history. Hindustan Times, New Delhi, 7 dez. 2014. Disponível em: <http://www.hindustantimes.com/india-news/is-the-rss-trying-to-rewrite-india-s-history/article1-1294056.aspx>. Acesso em: 18 dez, 2014.

⁶ Um partido fundamentalista hindu, ligado ao RSS. Narendra Modi pertence a este partido.

⁷ LUCE, Edward. **In spite of the gods**. Anchor: 2008.

⁸ Entre as modificações, crianças são estimuladas a desenhar o mapa da Índia incluindo os territórios de Bangladesh, Paquistão e Afeganistão. Fonte: FEARS grow in India about Hindu 'Modi-fication' of education. The Rakyat Post, New Delhi, 21 nov. 2014. Disponível em: <http://www.therakyatpost.com/world/2014/11/21/fears-grow-india-hindu-modi-fication-education/>. Acesso em: 18 dez, 2014.

⁹ Secretário da Shiksha Bachao Andolan Samiti (“Movimento Salve a Educação”).

¹⁰ FEARS grow in India about Hindu 'Modi-fication' of education. The Rakyat Post, New Delhi, 21 nov. 2014. Disponível em: <http://www.therakyatpost.com/world/2014/11/21/fears-grow-india-hindu-modi-fication-education/>. Acesso em: 18 dez, 2014.

¹¹ CHRISTIAN enclave in India fears violence as Hindus press for conversions. The Washington Post, Washington, 18 dez. 2014. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/christian-enclave-in-india-fears-violence-tension-after-religious-conversions/2014/12/17/4a144784-846b-11e4-abcf-5a3d7b3b20b8_story.html. Acesso em: 18 dez, 2014.

¹² Para Pandey, Maharana Pratap e Shivaji também são guerreiros medievais hindus que não ganham espaço suficiente nos livros de história. Fonte: SAFFRONIZING textbooks: Where myth and dogma replace history. Hindustan Times, New Delhi, 7 dez. 2014. Disponível em: <http://www.hindustantimes.com/india-news/is-the-rss-trying-to-rewrite-india-s-history/article1-1294056.aspx>. Acesso em: 18 dez, 2014.

fundamentalismo hindu nos anos 90, seguindo a liberação da economia indiana. A abertura da economia viu o surgimento de uma série de filmes indianos patrióticos, em que a Índia era retratada como um país próspero e militarmente poderoso. Alguns filmes históricos foram feitos exaltando o passado indiano. Neste artigo, falaremos de um destes filmes, que embora não se alinhe com o fundamentalismo hindu (sendo, afinal, sobre Akbar), não deixa de apresentar uma visão que ressalta bastante o hinduísmo.

JODHA AKBAR

Em 2008, o diretor indiano Ashutosh Gowariker lançou um filme baseado em um fato histórico, o casamento entre o imperador mogol Akbar e uma jovem princesa rajput, filha do Rei Bharmal¹³, no século XVI. *Jodhaa Akbar* conta a história desse matrimônio, uma aliança política que favoreceria tanto ao imperador (que com isso ampliaria seu território) quanto ao rei, que precisava de proteção. O filme causou uma certa polêmica, e sua exibição foi proibida em alguns estados indianos devido a protestos de uma parte da comunidade Rajput, sob a alegação de que estaria falsificando a história¹⁴, visto que Jodhaa não seria a esposa do imperador, mas sua nora.

O filme abre com um texto que explica que, embora o casamento entre Akbar e a princesa seja um fato histórico, não há um consenso a respeito do nome da princesa, “Jodhaa Bai” - este seria o nome pelo qual o povo, atualmente, a conheceria. O texto acrescenta que o filme é apenas uma versão para os fatos históricos – “poderia haver outras versões e pontos de vista”. O objetivo deste artigo é recuperar essas outras versões e pontos de vista, buscando mostrar que as escolhas que cada versão faz são políticas. Para tanto, recorreremos à biografia de Akbar feita sob sua encomenda pelo historiador de sua corte¹⁵, a biografia “não autorizada” de um outro historiador da corte de Akbar¹⁶, além de uma da época colonial, escrita por Smith (1917). Um livro que tem Akbar como personagem, *The Enchantress of Florence*, de Salman Rushdie, será em alguns momentos um objeto de comparação. Uma referência fundamental para este

¹³ Cujo nome aparece sobre várias grafias: Raja Bihari Mal, Raja Pahárah Mall, Raja Bharmal.

¹⁴ ASHRAF, Syed Firdaus. (2008-02-05). **Did Jodhabai really exist?** [maio 2008] Rediff.com, 2008. Disponível em: <<http://www.rediff.com/movies/2008/feb/06jodha.htm>> . Acesso em 09 dez. 2013.

¹⁵ **O Akbarnama**, de Abul Fazl.

¹⁶ Esta segunda biografia se chama **Muntakhabu-T-Tawarikh**. Ela foi escrita em segredo por al Badaoni (ou Badauni), que era tradutor na corte de Akbar, e foi encontrada entre seus papéis após sua morte.

artigo, foi o texto de Shahnaz Khan, “Recovering the past in Jodhaa Akbar: Masculinities, femininities and cultural politics in Bombay cinema”.

Em cada uma dessas biografias, tanto a cinematográfica quanto as outras, iremos nos focar na representação do casamento entre o imperador e a princesa. Seguiremos uma ordem cronológica. Começaremos com as biografias pré-coloniais, escritas pelos contemporâneos do imperador, depois a biografia de Smith (1917), e encerraremos com *Jodhaa Akbar* (ambos de 2008).

Em seu texto *A Ilusão Biográfica*, Pierre Bourdieu escreve (a respeito dos relatos biográficos) que uma vida pode ser apreendida como expressão de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto. Nos relatos, a vida é organizada como uma história, segundo uma ordem cronológica, mas também lógica, “desde um começo [...], no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo”.¹⁷ Segundo Bourdieu, o relato autobiográfico se baseia, pelo menos em parte, na preocupação de se extrair um sentido, uma lógica retrospectiva e prospectiva, de uma vida. No relato, estabelecem-se relações inteligíveis entre os estados sucessivos (como a de causa e efeito), percebidos como etapas de um desenvolvimento necessário. São selecionados certos acontecimentos considerados significativos, e conexões são estabelecidas entre eles para lhes dar coerência, em uma criação artificial de sentido.

Em todas essas biografias, sentidos para a vida de Akbar são construídos, e certos acontecimentos ganham uma relevância maior ou menor no texto, ou são de todo omitidos. Todas contêm, em maior ou menor grau, portanto, silêncios constitutivos. Orlandi vai definir o silêncio constitutivo como o que “nos indica que para dizer é preciso não-dizer” - a palavra dita apaga necessariamente as outras palavras possíveis. “Há pois uma declinação política de significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer 'outras'. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é sua dimensão política.”¹⁸ Por exemplo, ainda que, como Gowariker tenha afirmado, *Jodhaa Akbar* seja só um filme, ele se atém a determinados fatos históricos e ignora outros. Essa seleção de quais fatos manter e quais inventar,

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais (coordenadoras). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.184.

¹⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 1997, p. 54.

quais conexões estabelecer, está ligada esta construção de um sentido para a vida de Akbar, que é também um sentido para o passado da Índia (sentido este, por sua vez, que altera o sentido do presente). Ao focar o casamento, muitos outros sentidos possíveis para Akbar são negados.

Khan (2011) escreve que filmes históricos dizem muito a respeito do período em que são feitos: frequentemente, esses filmes moldariam outra vez o passado para expressar preocupações contemporâneas. Além disso, ela afirma que filmes históricos ajudariam a produzir as comunidades imaginadas, em que tradições seriam inventadas e valorizadas por narrativas nacionalistas, conforme apontou Benedict Anderson. Em *Jodhaa Akbar*, podemos ver ambos esses processos: a criação de uma comunidade imaginada e a preocupação contemporânea em relação à tolerância religiosa e a unidade nacional, que estão interligadas, dado que a Índia é um país marcado e – em certa medida – ameaçado por uma profunda diversidade religiosa, linguística e cultural. Ao mesmo tempo, o filme atualiza um momento da história indiana em que o país era bastante próspero, sob um imperador extremamente poderoso, talvez refletindo o nacionalismo forte que tem aparecido em diversos filmes indianos recentes. Nestes filmes, a Índia não passa mais a imagem da pobreza, mas de um país extremamente poderoso, fortemente armado, e próspero.

Neste sentido de uma glorificação nacionalista do passado, a escolha de Akbar é adequada. O império mogol, sob Akbar, foi o que teve o maior território unificado na região que hoje constitui a Índia. Akbar foi o imperador mogol que conquistou mais territórios, estabeleceu mais alianças. Filmes sobre grandes guerreiros são relativamente comuns e Akbar não apenas teve inúmeras conquistas como ia pessoalmente lutar nas batalhas, ao lado de seus homens. Em *Jodhaa Akbar* há uma cena em que Akbar doma um elefante. Essa cena pode ter sido inspirada pelo relato de Jahangir¹⁹:

Sua coragem e ousadia eram tais que ele podia montar elefantes furiosos e no cio, e sujeitar à obediência elefantes assassinos que não permitiriam que suas próprias fêmeas chegassem perto deles [...]. Ele se colocava em uma parede ou árvore perto de um elefante, que estivesse passando, e que houvesse matado seu treinador e se soltado, e, pondo sua confiança em Deus, lançava-se em suas costas e, simplesmente por montá-lo, punha-o sob controle.²⁰

¹⁹ Filho de Akbar, e seu sucessor.

²⁰ JAHANGIR. *The Tūzuk-i-Jahāngīrī: or, Memoirs of Jāhāngīr*. Tradução Alexander Rogers. Hertford: London Royal Asiatic Society, 1968, p. 38). O texto original é do século XVII.

O processo de glorificação de Akbar já era evidente em sua época. Podemos imaginar o quanto era importante para o império a construção de relatos favoráveis sobre o imperador, inclusive para legitimar um poder de origem estrangeira (mogol).

Seu olho atento é o astrolábio do sol [...] ele é de linhagem nobre, de semblante alegre - de disposição correta - de frente aberta - de corpo bem proporcionado - de natureza magnânima - de gênio elevado - de propósito puro - de fé duradoura - da sabedoria perfeita - [...] de talentos variados [...] - de alta honra - de esplêndida coragem - de julgamento correto - de excelente conselho - de generosidade sincera - sem limites de perdão, abundante em compaixão - [...] de coração puro - não manchado pelo mundo - líder do reino espiritual - de alerta permanente! Como ele foi reunido em um só lugar? Ou como um único corpo sustenta sobre os ombros o gênio? ²¹

Akbar realmente parece ter sido uma pessoa cativante. Mesmo seus opositores, como al Badaoni, falam de suas qualidades: “tinha uma excelente disposição [...] e busca sinceramente a verdade”. Padre Monserrate, o padre jesuíta que viveu na corte de Akbar e foi tutor de seu filho Murad, escreveu em seu relato, após sua volta à Europa:

Este príncipe é de uma estatura e de um tipo de rosto bem adequado à sua dignidade real, de modo que pode-se reconhecer facilmente, mesmo ao primeiro relance, que ele é o rei. [...] Sua testa é ampla e aberta, com os olhos tão brilhantes [...] que parecem um cintilante mar à luz do sol. [...] Seu corpo é extremamente bem construído [...] A expressão dele é tranquila, serena e aberta, também cheia de dignidade, e quando ele está com raiva, de terrível majestade.. ²²

É difícil exagerar quão acessível [Akbar] torna-se a todos os que desejam falar com ele. Pois ele cria uma oportunidade quase todos os dias para que qualquer pessoa comum ou nobre possa vê-lo e conversar com ele, e se esforça para mostrar-se e falar agradavelmente e ser afável [...] com todos os que vêm falar com ele. ²³

Jodhaa Akbar enfatiza estes aspectos atraentes que o imperador parece realmente ter tido, construindo um personagem ideal. Isso não significa que Akbar não fosse um homem bastante complexo, com lados menos recomendáveis, que o filme não mostra. Dentro do período de tempo que o filme abrange, houve diversos episódios a respeito dos quais o filme silencia. Um desses foi ataque a Chittor, quando o imperador ordenou um massacre que resultou na morte de 30.000 pessoas (depois que sua vitória

²¹ Abul Fazl, apud SOWARDS, J. Kelley. **Makers of World History** (Vol. 2). St. Martin's Press, 1995, p. 52.

²² MONSERRATE, S. J. **The commentary of Father Monserrate, S. J., on his journey to the court of Akbar**. Tradução J. Hoyland. Oxford University Press, 1922., p. 196-197.

²³ MONSERRATE, S. J. **The commentary of Father Monserrate, S. J., on his journey to the court of Akbar**, apud Richards 2000, p. 44.

já era certa)²⁴. Smith²⁵ relata que, na volta do casamento com a princesa, a caminho de Agra, Akbar mandou cortar os pés de um empregado acusado de roubar um par de sapatos (Smith comenta que Akbar, quando mais velho, dificilmente teria punido tão severamente um roubo tão pequeno – provavelmente, ele teria concordado com Fazl, que afirma que o imperador, mesmo aborrecido, “não se desvia do caminho correto: ele olha para tudo com gentileza, avalia bem os boatos, e é livre de todo preconceito”). Ao “higienizar” a personalidade e a vida do imperador, o filme cria a base para um passado idealizado, trazendo implicitamente uma utopia de um futuro possível.

A maioria das pessoas pensam em sua nação como uma entidade natural, despertada pela história, opressão, ou revolução. Mas esta visão ignora a maneira em que as nações procuram estabelecer sua identidade, definindo-se contra outros Estados-nação. Uma das principais ferramentas de construção de uma nação é o vasculhar seletivo da história para eventos que podem fornecer histórias encorajadoras ou mitos.²⁶

É interessante que, de acordo com o ponto de vista, Akbar não é retratado sob uma luz favorável. O Coronel Tod, escrevendo no início do século XIX, conta uma anedota em que o “monarca dos Mogois” teria visto uma nobre hindu e, devido a sentimentos “não-generosos” e “impuros”, tentado “desonrar” a família do marido dela²⁷ (Fazl provavelmente negaria a história, uma vez que ele afirmou que o imperador “considera uma grande bênção ter a boa vontade do povo, e não permite que os prazeres intoxicantes do mundo se sobreponham ao seu juízo calmo”).²⁸

Voltando à questão da construção de sentido, buscaremos, agora, apresentar as outras biografias do imperador, para tentarmos ver o que, na construção de um sentido para a vida de Akbar, *Jodhaa Akbar* mostra e o que apaga, e o que isso nos diz a respeito do filme. Começaremos com a escolha do momento do casamento, falaremos

²⁴ Khan (2011, p. 197) KHAN, Shahnaz. recovering the past in *Jodhaa Akbar*: masculinities, femininities and cultural politics in Bombay cinema. *Feminist Review*, v. 99, n. 1, p. 131-146, 2011. p. 197; SMITH, Vincent. *Akbar: The Great Mogul 1542-1605*. Londres: Oxford University Press, 1917, p. 88.

²⁵ SMITH, Vincent. *Akbar: The Great Mogul 1542-1605*. Londres: Oxford University Press, 1917, p. 58.

²⁶ LUCE, Edward. *In spite of the gods*. Anchor: 2008, p. 149-150.

²⁷ TOD, James. *Annals and antiquities of Rajasthan*. Londres: Oxford University Press, 1920, p. 401-402. O volume original foi publicado em duas partes, entre 1829 e 1832. Nenhum outro historiador menciona o caso.

²⁸ Akbarnama (Ain I Akbari, volume 1, capítulo 15).

do próprio nome de Jodhaa, seguiremos para as outras esposas de Akbar, para a omissão de aspectos da religiosidade do imperado e depois para o recorte temporal de sua vida.

AKBARNAMA

A biografia que Akbar encomendou ao seu historiador, o *Akbarnama*, enfatiza sobretudo os aspectos políticos de seu longo reinado: as muitas conquistas de territórios, os acordos, as traições que ele sofreu, suas visões sobre a religião. A biografia também aborda amplamente aspectos administrativos do reino. Muitos capítulos são dedicados aos dados astrológicos do imperador. De sua vida pessoal, o *Akbarnama* não fala muito; de fato, nenhuma dessas biografias não-ficcionais enfatiza sua vida privada, a não ser no que diz respeito à sua religiosidade ou seu amor à caça. Isso em si mostra a importância e visibilidade maior que se dá à vida privada atualmente, em comparação ao século XVII: assim como *Jodhaa Akbar*, o livro de Rushdie também traça um retrato da intimidade do imperador. O harém do palácio, que aparece extensamente tanto no filme quanto no livro, aparece no *Akbarnama* brevemente, quando sua administração é explicada.²⁹ O amor parece ter menos importância neste espaço, cuja principal virtude parece ser a ordem:

Sua Majestade é um grande amigo da boa ordem e decência nos negócios. [...] Por esta razão, o grande número de mulheres - uma questão vexatória mesmo para grandes estadistas - forneceu à Sua Majestade uma oportunidade para exibir sua sabedoria [...]. O palácio imperial e doméstico estão, portanto, na melhor ordem.³⁰

Nesta parte, Abul Fazl não menciona especificamente nenhuma esposa. E, ao contrário de Rushdie e de Gowariker, Fazl foi inteiramente omissos no que diz respeito à sexualidade do imperador. Sobre o grande número de casamentos do imperador, ele escreve que ele forma alianças matrimoniais com os príncipes de Hindustan, e de outros países, e garantindo por estes “laços de harmonia a paz do mundo”. Para Fazl, portanto, os casamentos do imperador são essencialmente uma questão de política, cuja principal motivação é a formação de alianças que assegurariam a paz do império. De fato, a

²⁹ Essencialmente, ele relata que cada uma das esposas recebe uma quantia de dinheiro mensal, de acordo com seu status, que cada uma possui seu próprio quarto, que todos os gastos são devidamente registrados, que há mulheres especialmente encarregadas como escribas, que o harém é protegido por guardas e eunucos e que é possível para mulheres de fora visitarem o harém, sob solicitação.

³⁰ *AKBARNAMA*. Ain I Akbari, volume 1, capítulo 15.

respeito de casamentos, ele escreveu que “Sobretudo, grandes governantes aprovam [do casamento], pois seus esforços são dedicados à produção de unidade, e a remover a poeira de complexidade pela água da simplicidade.”³¹

Até este momento da pesquisa, as mulheres que mais aparecem nestas biografias não-fictícias de Akbar são sua mãe, sua tia e sua ama-de-leite, Maham Anaga, que viria a exercer uma grande influência política. Sua esposa Salima também aparece no momento da reconciliação entre Akbar e seu filho Salim. Quanto à filha do Rei Bharmal, ela é apenas brevemente citada no *Akbarnama* em relação ao seu casamento:

No dia seguinte, [...] Caghatai Khān introduziu Rajah Bihari Mal junto com muitos de seus parentes e os principais homens de seu clã. [...] . O Rajah de pensar correto e elevada fortuna considerou que ele deveria pôr-se fora da rala de proprietários de terras e tornar-se um dos mais ilustres da Corte. A fim de efetuar essa finalidade ele pensou em uma aliança especial, a saber que ele deveria [...] introduzir sua filha mais velha , em cuja testa brilhava as luzes da castidade e do intelecto , entre os atendentes sobre o glorioso pavilhão. Na medida em que graciosidade é natural a Sua Majestade o Shāhinshāh seu pedido foi aceito e Sua Majestade mandou-o partir, juntamente com Caghatai Khān, a fim de que ele pudesse providenciar esta aliança , que é o material da glória eterna da família , e rapidamente trazer a filha dele. [...] Rajah Bihari Mal da sinceridade de sua disposição fez os arranjos para o casamento da maneira mais admirável e trouxe sua filha feliz por esta estação e colocou-a entre as mulheres do harém. Com a finalidade de manter o banquete de casamento a cavalgada imperial parou por um dia em Sambhar. [...].³²

Este trecho que fala diretamente sobre o casamento é precedido de uma longa explicação a respeito do Rei Bharmal – sua situação e as razões que o levaram a oferecer sua filha ao imperador. Novamente, portanto, o mais importante para Fazl não é a moça em si, mas sua família e as alianças políticas que a união possibilita.

MUNTAKHABU-T-TAWARIKH

A biografia que al Badaoni escreve sobre o imperador é muito mais crítica que a de Abul Fazl. As principais divergências entre al Badaoni e Akbar eram religiosas. O historiador criticava a tolerância religiosa do imperador. Mais ainda, o fato de Akbar tomar para si a autoridade religiosa máxima sob a interpretação do Alcorão, receber

³¹ **AKBARNAMA**, volume 3, capítulo 94.

³² **AKBARNAMA**, capítulo 39.

peçoas de todas as seitas, questionar todos os dogmas, se afastar do Islã e fundar sua própria religião era inaceitável.³³

A biografia é dividida em três partes: o primeiro volume contém breves biografias dos principais membros das dinastias que antecederam a de Akbar, e dos antepassados do imperador. O segundo volume traz, ano a ano, os acontecimentos da vida do imperador e os principais eventos do império. O terceiro traz breves biografias de súditos importantes, incluindo médicos, poetas, etc. Isto é, tanto no relato de Abul Fazl quanto no de al Badaoni, a vida de Akbar é absolutamente ligada aos seus súditos, ao império e seus acontecimentos, suas lutas, suas disputas. Quando Fazl descreve a administração do reino, ele não deixa de estar escrevendo sobre o imperador.

O relato contemporâneo de al Badaoni³⁴ a respeito do casamento é ainda mais breve do que o de Fazl: “e na cidade de Sámbar, célebre pelos seus minas de sal, Raja Pahárah Mall, governador de Ajmer, junto com seu filho Raí Bhagvan Das, veio e se apresentou respeitosamente ao imperador, que, em seguida, desposou a filha gentil dele em matrimônio honroso.”³⁵

Al Badaoni insere o casamento no contexto dos eventos de todo o ano de 969 (segundo o calendário que eles usavam – isso corresponde ao nosso ano de 1562), de modo que o casamento vem no mesmo parágrafo que a peregrinação do imperador à tumba do santo Khwajah Mu'in-ud-din Chisti, e é seguido, ainda neste parágrafo, pelo conflito na fortaleza de Mirt'ha, em que uma disputa com os Rajputs levou à morte de 200 soldados destes. Mais parágrafos e poesias são dedicados às mortes de Pir Muhammad Khan, responsável por tantos massacres, de Adham Khan (um dos principais vilões de *Jodhaa Akbar*), e do pai de Badaoni.

Isto é, em termos proporcionais, no filme, o casamento e a princesa são enfatizados muito mais do que em qualquer das biografias da época, enquanto outros eventos, a respeito dos quais as biografias discorrem longamente, são eclipsados no filme. Como já foi dito, à primeira vista, é como se essas biografias contemporâneas do imperador levassem principalmente em conta o homem público, enquanto o filme e o livro abordassem o homem privado. Entretanto, a privacidade do imperador não deixa

³³ Segundo Gascoigne, apud SOWARDS, J. Kelley. **Makers of World History** (Vol. 2). St. Martins's Press, 1995. Al Badaoni também tinha disputas religiosas com Fazl.

³⁴ A biografia escrita no século XVI por al Badaoni, **Muntakhabu-T-Tawarikh**.

³⁵ **Muntakhabu-T-Tawarikh**, ano 969 (1562).

de ter uma representação política em *Jodhaa Akbar*: é como se, no filme, não fosse possível separar o homem público do homem privado³⁶, como se a privacidade fosse uma questão pública. A rejeição de uma parte da comunidade Rajput ao filme parece indicar precisamente isso.

AKBAR THE GREAT MOGUL – 1542 – 1605

Em sua biografia de Akbar, publicado em 1917, Vincent Smith, escrevendo ainda durante a época colonial, tece diversos elogios ao imperador, embora ele desaprove do fato de Akbar ser analfabeto³⁷. Sobre o casamento de Akbar com a princesa, Smith fala muito mais sobre a moça do que sobre seu pai, Raja Bharmal, no que ele difere de Abul Fazl. Uma grande diferença é que ele menciona o nome da princesa (ainda que seja o nome que ela viria a ter após o casamento). Ele acrescenta que ela deu luz ao filho de Akbar, Jahangir, e informa a localização de seu mausoléu.

No Deosa, a meio caminho entre Agra e Ajmer, recebeu Raja Bihar Mall, o chefe de Amber ou Jaipur em Rajputana, que ofereceu a sua filha mais velha para Akbar em matrimônio. [...] O casamento foi celebrado em Sambhar. [...] A noiva, posteriormente, tornou-se a mãe de Jahangir. Seu título oficial póstumo, Maryam-zamani (ou-uz zamani), "a Maria da época", fez com que ela seja confundida por vezes com a mãe de Akbar, cujo título era Maryam-makani, "habitando com Maria". O pó da primeira consorte Hindu de Akbar reside em um belo mausoléu situado perto do túmulo de Akbar em Sikandara.³⁸

Talvez essa maior importância dada à princesa na biografia de Smith, em relação às de Fazl e Badaoni, esteja numa possível menor desigualdade entre os sexos na Inglaterra de 1917 em que Smith escreve, em comparação com a Índia do século XVI de Fazl e Badaoni. Também é possível que já estivesse em ação a questão da maior ênfase na vida privada. Essas hipóteses requerem pesquisa adicional para serem comprovadas ou refutadas. Seja como for, Smith escreve mais sobre a princesa, falando que ela provavelmente se converteu mais ou menos à religião muçulmana, e que ela com certeza recebeu um título maometano e foi enterrada numa sepultura maometana.

³⁶ Essa dicotomia seria questionável em qualquer pessoa, mas sobretudo no caso de um imperador, questões pessoais podem virar questões de Estado.

³⁷ Smith critica Fazl diversas vezes, aprovando mais de al Badaoni (o qual, entretanto, ele chama de "muçulmano preconceituoso").

³⁸ SMITH, Vincent. **Akbar: The Great Mogul 1542-1605**. Londres: Oxford University Press, 1917, p. 57-58.

Nisso, ele diverge bastante de Jodhaa Akbar, na medida em que, no filme, a princesa faz questão de se manter hindu, inclusive fazendo disso uma condição para o casamento. A respeito do efeito desse casamento sobre a vida pública e privada do imperador, Smith afirma que o casamento com a princesa teve um efeito político imediato (além de possivelmente ter exercido uma influência sobre sua religiosidade).

JODHAA

O nome da princesa, como ele aparece na autobiografia de seu filho, Jahangir, era Mariam uz-Zamani³⁹ (conforme já vimos com Smith). Mariam é o nome muçulmano pelo qual ela seria chamada após o casamento, aponta Khan (2011), que acrescenta que seu nome original provavelmente seria “Hira Kunwari” ou “Manmati”. Até este momento da pesquisa, o nome dela não foi encontrado nem no *Akbarnama* nem no *Muntakhabu-T-Tawarikh* (nestes, ela é mencionada como a filha do rei Bihari Mal, e, mais tarde, como “uma das esposas”: filha, esposa, sem nome). O fato do nome dela não ser dado, sendo citada apenas como filha de seu pai, na ocasião de seu casamento, não é incomum: no *Akbarnama*, Fazl relata os casamentos dos filhos de Akbar, Salim e Murad, sem mencionar os nomes das noivas. Apenas seus pais são nomeados.

O fato de nem o nome da princesa nem o suposto romance entre o casal serem mencionados nas biografias contemporâneas ao imperador não significa que na época o amor não fosse valorizado pela sociedade (e pelos biógrafos). O exemplo mais interessante pode ser encontrado na autobiografia do avô de Akbar, o imperador Babur, que escreveu suas memórias no início do século XVI. A respeito de sua esposa, um casamento arranjado com a filha de seu tio, ele escreve que, por timidez, a via muito pouco. Ele acrescenta que, nessa época, ele se apaixonou por um rapaz chamado Baburi:

Até então eu não tinha tido inclinação para qualquer um, na verdade, de amor e desejo, seja por ouvir-dizer ou experiência, eu não tinha ouvido falar, eu não tinha falado. Naquela época eu compus dísticos persas, um ou dois de cada vez, este é um dos deles:

"Que nenhum ser como eu, humilhado e miserável e doente de amor;
Nenhum amado como tu és para mim, cruel e descuidado."

De tempos em tempos Baburi costumava vir à minha presença, mas por modéstia e timidez, eu nunca conseguia olhar diretamente para

³⁹ É importante ressaltar que quem aponta “Mariam uz Zamani” como o nome da mãe de Jahangir são os editores da obra, em notas de rodapé, não o próprio Jahangir, que se refere ora a Mariam uz Zamani, ora a “minha mãe”, sem que estas referências estejam próximas.

ele, então como eu poderia conversar? Na minha alegria e agitação eu não poderia agradecer-lhe (por vir); como seria possível para mim reprová-lo por ir embora? Que poder tinha eu para exigir o dever de serviço a mim? [...] Naquele espumar de desejo e paixão, e sob o estresse da insensatez da juventude, eu costumava passear, cabeça nua, descalço, através de rua e ruela, pomar e vinhedo [...].⁴⁰

Em suas memórias, o filho de Akbar, Jahangir, fala do quanto ele sofreu quando sua esposa Shah Begam (também uma rajput) se suicidou, afirmando seu profundo apego a ela.⁴¹ Ele relata ter ficado quatro dias sem comer nem beber depois que ela morreu. E a respeito do terceiro filho de Akbar, Daniel, que morreu jovem, Abul Fazl escreve:

O príncipe era incrivelmente ligado a Janan Begam, a filha do Khan-khānān. Essa excelente e fiel senhora ficou inconsolável após esta catástrofe e queria ir para o outro mundo com o príncipe. Ela não obteve este benefício, e submetendo às proibições e conselhos dos outros, permaneceu nesta morada de tristeza. Mas ela foi consumida pela dor devido à partida do príncipe. Ela viveu por muitos anos, mas até seu último suspiro, cada dia de sua viuvez foi o primeiro dia.⁴²

É notável que, neste momento, Fazl cita o nome de Janan Begam. O amor entre ela e o príncipe Daniel tornou-a importante a ponto de seu nome ser registrado. Al Badaoni, por sua vez, dedica muitas páginas, e poemas, para contar um evento marcante do ano 976⁴³: as mortes de um jovem muçulmano e sua amante hindu (casada). Todo o drama do amor proibido entre o casal, que culmina com a morte de ambos, é contado. Al Badaoni menciona, inclusive, o nome da moça: Mohiní, “cuja beleza era como o ouro mais puro.”⁴⁴ O nome da esposa de um ourives é mencionado; o nome da princesa, não. Embora al Badaoni pudesse escolher não mencionar o amor do casal real ou o nome de Mariam por alguma razão, como membro da corte de Akbar, ele provavelmente saberia de ambos se houvesse alguma evidência deste amor. O mais provável é que, dado que o imperador tinha quase trezentas esposas⁴⁵, não houvesse qualquer indício de que ele

⁴⁰ Baburnama, p. 120-121. Esse relato do imperador Babur nos faz crer que o amor entre homens não parecia trazer nenhuma desonra aos mogóis. Talvez o conceito de homossexualidade sequer existisse.

⁴¹ JAHANGIR. *The Tūzuk-i-Jahāngīrī: or, Memoirs of Jāhāngīr*. Tradução Alexander Rogers. Hertford: London Royal Asiatic Society, 1968, p. 56.

⁴² *Akbarnama*, volume 2, capítulo 156.

⁴³ Segundo o calendário da época. No nosso calendário, isso seria o equivalente a 1569.

⁴⁴ Al Badaoni também relata outro caso de amor proibido que resultou em morte.

⁴⁵ KHAN, Shahnaz. recovering the past in Jodhaa Akbar: masculinities, femininities and cultural politics in Bombay cinema. *Feminist Review*, v. 99, n. 1, p. 131-146, 2011.

preferisse Mariam às outras, e que, no meio deste vasto harém de cerca de cinco mil mulheres,⁴⁶ o nome dela não fosse tão conhecido. Lal⁴⁷ afirma: “é notável que não encontramos nenhum vestígio de uma amada ou uma esposa favorita associada a Akbar, em lendas ou na literatura contemporânea.”⁴⁸

Voltando à questão do nome de Jodhaa, não há, portanto, menção ao nome “Jodhaa Bhai” nas biografias contemporâneas, o que, a princípio, provavelmente não seria uma questão digna de nota, a não ser pelo fato de que, ao chamá-la de “Jodhaa”, o filme não usa o nome muçulmano “Mariam” (ao longo deste artigo, nos referiremos a ela como “Jodhaa” quando falarmos da personagem do filme e como “Mariam” quando nos referirmos à pessoa histórica). Segundo Khan (2011), há inclusive indícios de que Mariam teria se convertido ao islamismo, dado que ela teria fundado uma mesquita e não teria sido cremada, ao contrário do que requer a tradição hindu. O nome “Jodhaa” ressalta o hinduísmo da princesa, e sua vitória, no final do filme, é também uma vitória do hinduísmo. Esse hinduísmo é ressaltado na cena em que Jodhaa exige, como condição para o casamento, que ela não seja forçada à conversão e que ela possa ter um templo hindu construído no palácio.



MONOGAMIA

www.revistafenix.pro.br

Conforme Khan (2011) aponta, quando Akbar se casou com Mariam, ele já tinha duas outras esposas: Ruqayya Sultan Begum e Salima Sultan Begum^{49 50 51}; esta

⁴⁶ KHAN, Shahnaz. recovering the past in Jodhaa Akbar: masculinities, femininities and cultural politics in Bombay cinema. **Feminist Review**, v. 99, n. 1, p. 131-146, 2011. Os haréns não eram exclusivamente de esposas: havia filhas, parentes, crianças, agregadas, escravas.

⁴⁷ LAL, Ruby. **Domesticity and power in the early Mughal world**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005, p. 205.

⁴⁸ ERALY, Abraham. **Emperors of the Peacock Throne : the saga of the great Mughals**. Londres: Penguin books, 2000, p.225. Porém, afirma que Salima Sultan Begum era a esposa preferida do imperador, mas não fica claro com base em qual registro histórico essa afirmação é feita.

⁴⁹ A precedência das duas também pode ser visto em **Gulbadan** (1902, p. 274 e 279), e em **Eraly** (2000, p. 123). O mesmo é afirmado nas memórias de **Jahangir** (1968, p. 48). Em todos estas referências, os trechos em que a precedência delas é afirmada não foram escritos por Gulbadan nem por Jahangir, mas pelos editores séculos depois, em notas de rodapé. Até este momento da pesquisa, não foram encontradas referências à ordem das esposas nem no texto original de Gulbadan, nem no de Jahangir.

⁵⁰ Segundo o Akbarnama (p. 449), Akbar teria dito que “Buscar mais de uma esposa é inventivar a própria ruína. Caso ela [a esposa] fosse estéril ou não tivesse qualquer filho, poderia, então, ser conveniente. Se eu tivesse sido sábio antes, eu não teria tomado nenhuma mulher do meu próprio reino em meu harém, pois os meus súditos são para mim como crianças”.

⁵¹ É importante ressaltar que, até o momento desta pesquisa, não foi possível encontrar referência aos casamentos com Salima e Ruqaiya no Akbarnama.

última, segundo Erelly (2000) era sua esposa preferida.⁵² Nenhuma das duas aparece no filme – *Jodhaa Akbar* é a história de um casamento monogâmico. Há duas razões possíveis para esta omissão. A primeira, óbvia, é que é difícil fazer um filme romântico protagonizado por um homem que já tem duas esposas (e que viria a se casar com quase trezentas outras). O amor romântico pressupõe a exclusividade amorosa, sem a qual ele deixa de ser romântico. A outra é que a omissão das outras esposas aumenta a importância desta princesa hindu. Entre as outras, ela seria apenas mais uma. O silêncio em relação às outras esposas é, portanto, essencial para a construção de um discurso de uma Índia unificada, fundada pelo amor de um muçulmano e uma hindu.

Ao mesmo tempo, como aponta Khan, “A supremacia da Jodhaa no filme permite que os valores hindus de classe média tenham a supremacia na corte de Akbar - o auge do poder muçulmano. A classe média da Índia pode reivindicar Akbar como um dos seus próprios. Em certo sentido, ele não pertence mais à comunidade muçulmana, ele subiu acima deles.”⁵³ O casamento hindu, o ato religioso hindu no harém do qual o imperador participa (os gestos de Jodhaa ao realizar o ato são típicos das mães de tantos filmes de Bollywood), a afirmação de que ele nasceu numa casa hindu – tudo isso ajuda a mitigar o muçulmanismo de Akbar.

Em *Jodhaa Akbar*, vemos, portanto, duas tendências: uma em direção à uma maior tolerância religiosa entre hindus e muçulmanos, em direção à construção de uma nação em que ambos possam conviver (não havendo necessidade de uma partição, como aconteceu durante a criação da Índia e do Paquistão, em que os territórios foram divididos para formar países diferentes para cada um dos dois grupos religiosos). A outra, em direção a uma “hinduização” de um passado histórico crucial para a ideia de uma nação forte.⁵⁴

Mas a Índia é incomum em que mantém duas ideias muito competitivas e opostas da nação: o primeiro [...] enfatiza a Índia plural, secular, e composta (em contraste com o Paquistão); a segunda, representada pelo movimento nacionalista hindu, empurra para uma definição mais exclusiva e hindu da Índia (em um eco não intencional do Paquistão). É somente nos últimos vinte anos que o segundo ponto

⁵² Eraly ERALY, Abraham. **Emperors of the Peacock Throne : the saga of the great Mughals**. Londres: Penguin books, 2000, p. 225.

⁵³ KHAN, Shahnaz. recovering the past in Jodhaa Akbar: masculinities, femininities and cultural politics in Bombay cinema. **Feminist Review**, v. 99, n. 1, p. 131-146, 2011, p. 199.

⁵⁴ O império mogol não apenas foi um momento na história prévia à Índia em que o território foi unificado, como também um momento em que essa região era extremamente poderosa e próspera.

de vista tem proporcionado um sério desafio para o primeiro.⁵⁵

O nacionalismo hindu acaba tendo que conciliar duas atitudes incompatíveis: de conciliação com os muçulmanos, em alguma medida, devido à ameaça de perda territorial, e a hinduização da Índia. Há ainda uma alternativa à tolerância, que é o extermínio ou expulsão dessa parte da população, o que em alguns momentos também é adotado. *Jodhaa Akbar* apresenta essas três tendências. A tolerância demonstrada pelo imperador (mas não por Jodhaa); a hinduização, pela importância desproporcional dada a Jodhaa; a expulsão, pelo fato de todos os vilões serem muçulmanos.

O recorte temporal do filme é bastante conveniente, à medida em que esconde diversos momentos não-idealizáveis da vida do imperador. O filme termina, por exemplo, antes da morte por alcoolismo dos dois outros filhos de Akbar, Murad e Daniyal,⁵⁶ da rebelião do príncipe Salim/Jahangir⁵⁷ (que tentou dar um golpe de estado)⁵⁸ e do assassinato de Abul Fazl a mando deste (como o próprio relata em suas memórias). Neste sentido, o livro que Salman Rushdie escreveu, *The Enchantress of Florence*, é bastante diferente do filme. Rushdie escolheu retratar o imperador na meia idade, e ainda que ele tenha escolhido um recorte temporal que igualmente exclui as mortes e a rebelião, no livro os filhos do imperador são velhos o suficiente para já serem retratados como alcólatras, dissolutos e conspiradores.

Ao longo do tempo, pelo que podemos ver nas biografias que analisamos, a primeira esposa hindu de Akbar parece ter ganhado importância e visibilidade crescentes. O casamento, entretanto, nunca deixou de ser tratado como um fato político. Mesmo o amor que Jodhaa sente por Akbar no filme literalmente só surge quando ele conquista o apoio da população hindu.

O fato é que haveria muitos recortes possíveis para a vida de Akbar, e a escolha de um ou de outro teria uma dimensão política. Por exemplo, ao escolher um período posterior da vida do imperador, Rushdie faz um retrato pouco lisonjeiro do imperador. O filme, ao contrário, ao optar por mostrar o início da vida de Akbar, o mostra em uma

⁵⁵ LUCE, Edward. *In spite of the gods*. Anchor: 2008, p. 150).

⁵⁶ Richards (2000). Jahangir também era alcólatra (e usava ópio), mas relata em suas memórias como conseguiu superar o vício que já fazia suas mãos tremerem. Smith (1917, p. 314) relata que Akbar ficou chocado ao saber que Jahangir tinha assistido à tortura prolongada de um opositor.

⁵⁷ Salim mudou de nome para “Jahangir” ao assumir o trono após a morte do pai.

⁵⁸ SMITH, Vincent. *Akbar: The Great Mogul 1542-1605*. Londres: Oxford University Press, 1917, p. 301.

luz extremamente favorável. Cada biografia lança, a partir do imperador, uma luz sobre a Índia histórica. O imperador enquanto homem público (e privado) é apresentado como homem ideal, modelo de perfeição, quando isso se torna interessante politicamente.

RECEBIDO EM: 19/12/2014

PARECER EM: 17/12/2015



www.revistafenix.pro.br